

A PERCEPÇÃO DE SI A PARTIR DA AUTOIMAGEM: UM CASO CLÍNICO

O presente trabalho pretende articular a experiência clínica de uma cliente atendida na Clínica do Centro Universitário Newton Paiva, durante o período de um ano. Para isso, articula os conceitos da Teoria Existencial-Fenomenológico. Para preservar sua identidade, a cliente receberá um nome fictício, de Joana.

Joana traz para o setting psicoterapêutico uma dificuldade em relação à sua autoimagem, possuindo uma concepção negativa de si. Essa dificuldade impossibilita Joana a compreender e dar significado ao seu projeto de vida e faz com que ela vivencie um mal-estar em relação ao seu corpo. Também não consegue lidar com a questão da temporalidade. Erthal (1989, p.65) considera que “para encontrarmos o projeto original de um indivíduo, precisamos compreender a imagem que ele aprendeu a ter de si próprio; a totalidade de significação que ele assegura à sua existência”. Desta maneira, articula-se a teoria com algumas situações trazidas por Joana no encontro psicoterápico.

Para compreender a existência do ser humano, é necessário percebê-la em sua totalidade, em seu processo de abertura, como ser-no-mundo. A teoria Existencial-Fenomenológico afirma que a existência precede à essência. Isso significa dizer que o homem não possui uma essência pronta, algo já determinado, é sempre um vir-a-ser. Assim, a existência não é concebida como algo estável. Ela está sempre em um processo de construção. É, a partir das escolhas que o indivíduo realiza sua vida ligada à sua existência, que ele poderá construir o seu ser.

Porém, escolher não se constitui em uma missão fácil, Erthal (1989) menciona que escolher se torna um risco, por causa, de sua incerteza. Nesse manejo, existir é escolher, é escolher sua essência. Assim, a pessoa no processo, se expõe ao risco de ter que se deparar com a responsabilidade de construir por si só o destino de sua vida. No projeto de existir, ela é sempre um dever. Na visão heideggeriana, o ser humano deve ser compreendido como um Dasein, ou seja, o ser-aí, o homem em abertura para o mundo.

O ser humano, conforme relatado por Erthal (1989), é um ser paradoxal, pois consegue descrever-se externamente para alguém, porém, possui dúvidas a respeito de sua identidade. Não consegue, por vezes, dizer o significado de sua própria vida. Nesse contexto, o significado que se encontra está ligado às escolhas que se realizam. O valor que se dá às coisas destaca na verdade a autoimagem. A autoimagem do indivíduo irá determinar seu comportamento perante o mundo. Desta forma, compreender a imagem é assumi-la com responsabilidade. E ter consciência de seu projeto é uma escolha que acarretará riscos para a vida da pessoa.



A autora citada pondera ainda que a existência psicológica de uma pessoa encontra-se na forma de um eu. Logo, o primeiro aspecto a ser desenvolvido é o eu-corporal. Sendo o corpo a parte material mais visível, é ele que será o principal fundador para a identidade. "O esquema corporal proporciona o conhecimento da posição do corpo. Schilder o preferiu chamar de imagem corporal". (SCHILDER, 1950 apud ERTHAL, 1989, p.60).

Pode-se compreender que a imagem que o indivíduo tem de si está interligada com a relação dele com o próprio corpo. Esse corpo irá interligar a pessoa com o mundo no qual ela está envolta. O corpo como meio de comunicação e interlocução com a imagem do eu irá permitir que o indivíduo possa realizar não somente uma interpretação do que ele percebe que é, mas também do que ele deseja ser.

Augras (1989, p. 39) considera que, "o corpo tem como função estabelecer a relação entre o eu e o mundo exterior. Manifestação da individualidade, garantia da identidade, o corpo expressa toda a ambigüidade existencial". Assim, em uma visão Existencial-Fenomenológico, o corpo é compreendido como uma expressão da manifestação da subjetividade. É nesse corpo que se vai experienciar a percepção de si e do mundo. Essa percepção de si e do mundo diz respeito a como cada pessoa lida com sua identidade corpórea, ou seja, de como cada pessoa se percebe e relaciona com as coisas que estão à sua volta.

Em relação à Joana, percebe-se que ela tem uma depreciação de sua autoimagem. Não consegue enxergar-se em seu próprio projeto vital. Essa diminuição, em relação a sua autoimagem, foi transferida diretamente para o corpo. Ela se percebe como sendo uma pessoa feia, (sic) "Não me acho bonita. É desde sempre. Nunca me achei bonita. Não consigo me olhar no espelho. Quando vou olhar no espelho só olho para arrumar meu cabelo. Nunca olho verdadeiramente. Não consigo me ver".

A cliente traz uma angústia em relação à sua imagem corporal. Ela, por vezes, menciona que o que é pior em seu corpo é a barriga. Joana possui um horror em relação à barriga, deslocando esse sentimento para as outras pessoas, principalmente para os homens. Segundo Joana, ela não suporta homens barrigudos, (sic) "não suporto homens barrigudos, nunca me imaginei possuindo algum relacionamento com um homem assim".

A percepção que Joana tem de si compromete a sua forma de relacionar com os outros, pois sempre se coloca em uma posição de inferioridade. Em vários momentos, a cliente relata possuir um grande talento para fazer trabalhos manuais. Obtém como resposta dos outros muitos elogios. Ao ser questionada sobre por que não utiliza suas possibilidades como trabalho, ela não acredita que seja capaz de realizar tal tarefa.



Em relação à dimensão temporal, Joana tem dificuldades em lidar com sua idade. Ela tem 50 anos, mas sempre em seu discurso quer deixar bem claro que não se percebe com essa idade. Diz sentir-se jovem, que se percebe como uma pessoa animada, extrovertida e bem humorada. Porém, traz consigo um sentimento de que em sua vida tudo ocorreu muito tarde. (Sic) “Meu primeiro emprego, eu tinha 35 anos. Meu primeiro relacionamento, de verdade, foi com mais de 40. Meu filho nasceu quando eu tinha 45 anos. Tudo em minha vida é tarde”.

Nota-se que Joana sente que os acontecimentos em sua vida são vivenciados tardiamente, causando, assim, certo horror com o seu passar. Esse tempo reflete sua imagem, seu corpo. Um corpo não mais jovial. Não possui a mesma vitalidade de antes.

Joana relata que não consegue se envolver com homens de sua idade, que sua atração é apenas por homens mais jovens. Menciona que o pai de seu filho é mais de 20 anos mais jovem do que ela. Mesmo hoje, não possuindo um relacionamento, quando pensa em um homem para se relacionar, sempre lhe vem em mente homens mais jovens. Pode-se pensar na hipótese de Joana, por vivenciar o medo da morte e ter horror com o passar do tempo, não consegue se envolver com homens da sua idade, porque eles são como espelho, do que ela é, um ser de finitude. Assim pode-se compreender que a cliente busca a ajuda psicoterápica por ter uma dificuldade para aceitar a sua autoimagem. Desta forma, conforme Erthal (1989), o trabalho da psicoterapia é possibilitar que o cliente possa compreender e determinar qual é a sua autoimagem. O psicoterapeuta deverá buscar o sentido que o indivíduo dá para sua existência. E tentar compreender como que ele lida com sua autoimagem, seu corpo, com o tempo e com a questão da morte. O processo psicoterápico irá proporcionar o cliente uma maximização de sua autoconsciência, aumentando, assim, suas possibilidades de escolhas.

Compreender as possibilidades que cercam seu projeto existencial permitirá que o indivíduo seja autêntico em suas escolhas, tomando a direção de sua vida de forma mais responsável e reconhecendo em si mesmo as suas próprias escolhas.